

ポスター発表

168

Oficinas de língua japonesa em duas escolas públicas do Rio de Janeiro

Elisa Figueira de Souza Corrêa, Universidade Estadual do Rio de Janeiro
Rie Kibayashi (GJO-TUFS)

OFICINAS DE LÍNGUA JAPONESA EM DUAS ESCOLAS PÚBLICAS DO RIO DE JANEIRO

Elisa Figueira de Souza Corrêa (UERJ)
Rie Kibayashi (GJO-TUFS)

Resumo: Através deste relato procuramos apresentar o trabalho que a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) vem desenvolvendo em duas escolas públicas do Rio de Janeiro em parceria com o *Global Japan Office* da Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio (GJO-TUFS) localizado dentro da UERJ, bem como os objetivos e a importância do mesmo para os alunos da graduação de Português/Japonês da Universidade e dos colegiais beneficiados.

Palavras-chave: ensino de língua japonesa, escola pública, Rio de Janeiro, UERJ, GJO-TUFS.

Até o ano de 2016, não havia nenhuma escola pública no Estado do Rio de Janeiro onde fosse possível estudar a língua japonesa. Pensando nessa carência e também em uma demanda interna de seus alunos da licenciatura de Letras – Português/Japonês, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) elaborou dois projetos visando oferecer oficinas de língua japonesa a estudantes do ensino fundamental e médio em escolas públicas próximas à universidade, contando com a colaboração da Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio (TUFS), através de seu *Global Japan Office* (GJO) atualmente instalado dentro da UERJ. Para resolver esses problemas, dois projetos de ensino, em duas escolas diferentes foram criados.

1. O projeto *Oficinas de Línguas Estrangeiras nas Escolas (OLEE)*, no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-UERJ)

O projeto Oficinas de Línguas Estrangeiras na Escola (OLEE) faz parte de um programa de extensão universitária maior – o Programa LICOM (Línguas para a Comunidade) –, o qual incentiva o aprendizado de línguas estrangeiras fora no meio universitário propriamente dito. No caso específico do OLEE, a ideia é estimular o estudo de línguas entre os estudantes da rede pública fluminense, mormente dentro do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-UERJ), o qual faz parte da própria Universidade.

O estímulo desse aprendizado está intimamente vinculado tanto com os objetivos do projeto pedagógico da própria Universidade, quanto com os dos cursos de Letras em si, na sua vertente de formação de novos professores.

O espaço extensionista favorece a circulação de sujeitos e saberes e se caracteriza pela participação ativa de diferentes estratos da sociedade. Esse campo, constituído por elementos compósitos que estabelecem entre si relações de diversas naturezas, oferece possibilidades concretas para a formação docente. Assim, os cursos de línguas estrangeiras inscritos nesse

espaço contribuem de modo decisivo para o desenvolvimento das competências do futuro professor. (ALMEIDA, 2014, p. 7).

Acreditando nesse papel social da universidade, o Setor de Japonês do Instituto de Letras da UERJ também procurou levar o ensino da língua japonesa para além de seus muros. A primeira tentativa ocorreu num projeto solo, em 2005 – apenas um ano após a entrada da primeira turma de vestibular –, quando as próprias professoras do Setor ofereceram aulas para o primeiro segmento do ensino fundamental no CAP. Embora tenha tido um enorme sucesso de público entre os alunos, o projeto acabou sendo descontinuado após um ano, pela saída da professora responsável do Setor.

Felizmente, em 2016, tivemos nova oportunidade de retomar o projeto, dessa vez em um novo formato. No formato atual, o projeto está dentro do OLEE de modo que é uma aluna da graduação de japonês da UERJ quem ministra as aulas, recebendo auxílio de bolsa de Iniciação à Docência.

Assim, em 2016, oferecemos duas turmas, cada uma tendo aulas de duas horas uma vez por semana. As turmas eram mistas de alunos a partir do 8º ano até o ensino médio, exceto da 3ª série do médio que, por conta do vestibular, não tinha horários vagos na grade semanal.

Dessa forma, o curso totalizaria cerca de 40 horas por ano, com o que esperávamos que os alunos atingissem o suficiente para que aprendessem a se apresentar, expressões básicas do dia a dia, a estrutura básica da língua e os dois silabários.

Em termos de material didático, escolhemos utilizar o curso “Yasashii Nihongo”, produzido pela NHK para seu *website*, com tradução e apoio em língua portuguesa. Dois pontos fizeram, fundamentalmente, com que escolhêssemos esse material: primeiro, o fato de ele estar disponível gratuitamente na Internet desonera os estudantes de gastos extras para iniciar o estudo da língua. Em segundo lugar, sendo os estudantes do CAP muito sobrecarregados de atividades extracurriculares, o fato de todo o conteúdo letivo, inclusive com explicações em português, estar disponível *online* facilitaria o estudo individual (ou mesmo a revisão de matéria), caso o aluno perdesse alguma aula.

Além disso, é notável que o “Yasashii Nihongo” foi desenvolvido pensando em um público jovem e de estudantes, diferentemente de outros materiais consagrados, como, por exemplo, a série de livros **Minna no Nihongo**. Os personagens da NHK são todos jovens estudantes, facilitando a identificação dos alunos com as cenas propostas.

A adoção desse material, fez com que a NHK enviasse uma repórter ao CAP no final de 2016 para ver como estavam sendo as aulas, entrevistando alunos e professores. A reportagem e entrevistas foram ao ar em um programa de rádio e outro de TV no Japão, para orgulho de toda a comunidade uerjiana. Além disso, a NHK doou exemplares encadernados do material disponível para baixar no site, o que também alegrou muito os alunos contemplados.

Figura 1: Cena da reportagem da NHK com alunos do CAP-UERJ (2016)



Infelizmente, no final de 2016, a UERJ sofreu um grande golpe por parte do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Docentes e funcionários não tiveram seus salários pagos em novembro e dezembro, incluindo o 13º salário. Os serviços terceirizados também foram suspensos por falta de pagamento, de modo que o reitor decretou que as atividades letivas fossem suspensas até a normalização da situação. Desde então, todos os trabalhadores efetivos, contratados e terceirizados da UERJ ainda vêm recebendo irregularmente, dificultando enormemente a continuidade deste e de outros projetos.

Por essa razão, durante todo o ano de 2017, não foi possível retomar as oficinas no CAP, uma vez que o funcionamento da escola ainda se encontra estável o suficiente para comportar atividades extracurriculares.

Apesar disso, procuramos outras formas de manter vivo nosso projeto, voltando-o para os alunos da 3ª série do médio. A UERJ tem um convênio com a TUFS que permite aos concluintes do CAP prestarem vestibular para a TUFS. Imaginando que esses alunos estariam interessados em aprender desde já um pouco da língua japonesa, retomamos as aulas de japonês apenas para esses alunos no segundo semestre de 2017.

Ainda assim, esperamos que a situação da Universidade retorne à normalidade o mais rapidamente possível para que o projeto possa voltar a seu formato original.

2. O projeto *Preparando mais jovens para o futuro* no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ

Em 2016, a UERJ recebeu via o *Global Japan Office* da Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio (TUFS), que funciona na própria UERJ, a professora visitante Rie Kibayashi. Graças a essa importante adição ao corpo do Setor de Japonês, tivemos a possibilidade de implantar um segundo projeto de difusão do ensino de língua japonesa no Rio de Janeiro.

Para esse segundo projeto, foi escolhido o Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ, uma tradicional escola da cidade, com fama de excelência no ensino técnico e cerca de mil e quinhentos alunos. Por sua proximidade com a UERJ e por já ter convênio com nossa universidade, calculamos que seria um bom local. Além disso, esperávamos que alunos de áreas tecnológicas pudessem vir ter um grande interesse em cultura japonesa.

Nossa previsão se comprovou e a chamada para as primeiras turmas teve de ser suspensa logo no primeiro dia, com trezentos inscritos. A escola decidiu, então, fazer um sorteio para eleger os quarenta alunos, vinte em cada turma, que iriam estudar

japonês. Formamos duas turmas, uma diurna e outra vespertina, que teriam aulas duas vezes por semana, por duas horas, totalizando cerca de 80 horas por ano. O material adotado também foi o “Yasashii Nihongo”, mas, neste caso, o fato de as aulas acontecerem no laboratório de informática da escola facilitou enormemente o curso, por permitir que os alunos acessassem durante a aula a plataforma da NHK e todo o conteúdo *online* conforme suas necessidades individuais (como, por exemplo, as tabelas dos silabários).

Figura 2: Sala de aula do CEFET



Note-se que, embora pareçam similares em termos de conteúdo, esses dois projetos eram diferentes e contemplaram aspectos diferentes da demanda dos licenciandos da UERJ.

O curso no CEFET foi ministrado pela professora Kibayashi através do Método Direto de ensino, uma vez que ela não sabe português. Assim, mais uma vez, as explicações de apoio no site “Yasashii Nihongo” foram cruciais como apoio aos alunos.

Além disso, como o curso no CEFET foi ministrado por uma professora formada, qualificada e experiente, as aulas de lá puderam servir como campo para o “Estágio Supervisionado” dos graduandos de Português/Japonês da UERJ, isto é, espaço de “observação, coparticipação e participação/regência” (conforme previsto na ementa) para essa disciplina, a qual é obrigatória para os alunos de Licenciatura. É importante notar que esses alunos, assim como formandos em outras línguas menos comuns nos currículos escolares, não possuem normalmente local para fazer seu estudo de campo, de modo que esse projeto foi uma grande adição à formação desses futuros professores. Ademais, graças à presença desses estagiários, os alunos do CEFET viram facilitada sua comunicação com a professora Kibayashi, pois podiam fazer perguntas ou pedir explicações adicionais através dos alunos da UERJ.

Um outro diferencial foi que, também durante o curso no CEFET, os alunos japoneses fazendo intercâmbio na UERJ participaram apresentando vários aspectos da cultura japonesa, como música, sistema educacional, artes marciais etc. Também para esses intercambistas a experiência parece ter sido bastante proveitosa, seja pela oportunidade de interagirem e praticarem falar em português, seja porque alguns deles estejam considerando a carreira docente.

Sendo assim, consideramos o projeto no CEFET muito exitoso e, em 2018,

pretendemos dar continuidade a ele, aumentando a participação das apresentações sobre cultura japonesa dos intercambistas, dado o grande sucesso que tiveram tanto entre os alunos do CEFET, quanto entre os intercambistas.

3. Considerações finais e projetos futuros

Atualmente o Setor de Japonês da UERJ atua apenas em nessas duas instituições fora do âmbito da Universidade – o CAp e o CEFET –, com cursos de introdução à língua japonesa. Ambos os cursos almejam apenas que os alunos obtenham um nível introdutório nessa língua – não mais do que o suficiente para se apresentar, falar de seus gostos, saber expressões do dia a dia, ler os silabários.

No entanto, o significado desses cursos é muito maior. Por um lado, pode-se dizer que ambos os projetos de oficinas de japonês criados visam aumentar o público estudante dessa língua no Rio de Janeiro. Por isso, o fato de os projetos ocorrerem no ambiente escolar é especialmente fortuito, uma vez que nossos graduandos serão licenciados para lecionar no Ensino Fundamental II e Médio.

Nesse sentido, também, pudemos notar como umas poucas horas de japonês semanais puderam contribuir para que aumentasse a vontade daqueles alunos de conhecer mais do idioma e da cultura japonesa. Com isso, cremos não apenas estar contribuindo para o mercado dos cursos de língua japonesa do Rio de Janeiro em geral, como plantando uma semente para um sonho ainda maior: ver a língua japonesa ser implantada como disciplina regular em algumas escolas do Estado do Rio de Janeiro.

Ademais, os cursos nessas duas escolas permitem que nossos estudantes universitários não apenas possam aprimorar seu trato com o público adolescente (seus futuros alunos), como também começar a desenvolver e aprimorar suas próprias práticas letivas. É nesse sentido que esses projetos vêm a contribuir para a formação docente dos graduandos da UERJ, através de dois vieses diferentes: de um lado, em uma das escolas eles têm a oportunidade de atuarem já como professores, como bolsistas de Iniciação à Docência. Do outro, podem fazer uma “observação orientada” de uma sala de aula de um professor experiente. Note-se que essa observação é prevista na ementa disciplina da licenciatura denominada “Estágio Supervisionado”, ainda que anteriormente, os licenciandos de língua japonesa não tivessem um espaço “real” de observação ao cursarem essa disciplina (como ocorre, por exemplo, com os licenciandos de grego).

Enfim, esperamos com esse texto ter frisado a grande importância para o curso de graduação de Português/Japonês da UERJ dos projetos no CAp e no CEFET, os quais sobretudo ampliam o espaço de aprendizado e atuação de nossos alunos, garantindo-lhes uma formação docente mais crítica e sólida.

REFERÊNCIA:

ALMEIDA, Claudia. Circulação de sujeitos e saberes nos cursos de extensão. In: ANTUES; Maria Alice G.; SALIÉS, Tânia Mara G. (Orgs.). **Relatos de experiências no LICOM**. Rio de Janeiro: ILE/UERJ, 2014. ISBN 978-85-64315-07-5